

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA MULTICULTURAL

Maria Ivanúbia Lopes da Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: ivanubialopes@hotmail.com

Maria Juliana do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: mjuhnascimento@gmail.com

Resumo:

O multiculturalismo reflete o reconhecimento da diversidade cultural, resultando de uma luta com destaque para os culturalmente oprimidos. Deste modo, não pode-se dissociar multiculturalismo de educação, que é o espaço onde a diversidade se encontra com um objetivo comum, em especial quando se trata da Educação de Jovens e Adultos, quando as escolhas de vidas, e, por conseguinte, a cultura, já estão condensadas. Neste pressuposto, o presente trabalho se dedica a estudar a multiculturalidade presente na Educação de Jovens e Adultos, Trata-se pois, de uma pesquisa de cunho qualitativo, com um estudo bibliográfico sobre multiculturalidade e Educação de jovens e adultos, além disso apresentaremos uma discussão sobre quem são os sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino e a importância de ter professores capacitados para desenvolverem suas atividades. Essa pesquisa se constitui como uma possibilidade de compreensão acerca da temática da Educação de Jovens e Adultos, visto como uma modalidade de ensino direcionada as pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar a escola na faixa etária indicada, ou que desistiram de participar do processo de escolarização.

Palavras-chave: EJA, Multiculturalismo, Formação de professor.

1.INTRODUÇÃO

A educação constitui-se em um aspecto decisivo no processo de transformação e construção de uma sociedade, à medida que o homem interage com o meio social ele deixa de ser um elemento isolado e passa a ser ferramenta primordial na transformação do meio em que habita, contudo, o homem a partir dessa interação social e do contato com a escola e com os professores esses conhecimentos podem ser modelados e ampliados, desse modo, não existe uma época certa de adquirir conhecimentos, existe sim, a vontade de adquiri-los.

Deste modo, este trabalho se propõe a estudar a multiculturalidade presente na Educação de Jovens e Adultos, expondo de forma teórica quem são os sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino, além disso apresentaremos uma discussão sobre a importância da formação de professores para atuarem nas turmas do EJA.

Como forma de dar “corpo” a pesquisa, o texto partiu das reflexões sobre a temática e das relações com as leituras teóricas. Assim, a pesquisa caracteriza como uma pesquisa de caráter bibliográfico, sendo desenvolvida com base em material já elaborado, Segundo Gil (2002, p. 44)

“os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência”.

No que diz respeito à organização, nosso trabalho distribui-se em quatro tópicos, Esses, destina-se a uma discussão teórica acerca da temática apresentando as diversas abordagens sobre o multiculturalismo e sua diversidade, posteriormente discutiremos sobre a Educação de Jovens e Adultos como forma de integração social, em seguida apresentamos quem são os alunos que frequentam essa modalidade de ensino e a importância da formação dos professores para trabalharem com esse público

2. MULTICULTURALISMO: REPRESENTAÇÃO DA DIVERSIDADE

A multiculturalidade é uma temática que está sendo discutida no nosso cotidiano com bastante destaque, uma vez que, a diversidade cultural está presente em nossa sociedade através dos costumes, da religião, do modo de agir, das tradições, das etnias e valores. As diferentes culturas são observadas principalmente no campo escolar, em específico dentro das salas de aulas, levando-nos a acreditar que não poderemos jamais possuir salas de aula de culturas homogêneas, a escola em si é esse espaço múltiplo e heterogêneo. Dessa forma, o Multiculturalismo é tido por McLaren (1997) como um movimento que foi contextualizado nos Estados Unidos e que reivindicavam os direitos das classes minoritárias, o movimento teve início em uma comunidade negra e posteriormente se difundiu para os demais grupos, originando o termo Multiculturalismo, seu principal objetivo era acolher os diversos grupos para conviver a pluralidade e as diferenças culturais.

Segundo Brandim (2008) “o multiculturalismo é uma estratégia política de reconhecimento e representação da diversidade cultural, não podendo ser concebido dissociado dos contextos das lutas dos grupos culturalmente oprimidos”. Dessa forma, ele acrescenta que:

[...] Politicamente, o movimento reflete sobre a necessidade de redefinir conceitos como cidadania e democracia, relacionando-os à afirmação e à representação política das identidades culturais subordinadas. Como corpo teórico questiona os conhecimentos produzidos e transmitidos pelas instituições escolares, evidenciando etnocentrismos e estereótipos criados pelos grupos sociais dominantes, silenciadores de outras visões de mundo. Busca, ainda, construir e conquistar espaços para que essas vozes se manifestem, recuperando histórias e desafiando a lógica dos discursos culturais hegemônicos [...] (2008, p. 61)

Deste modo, o multiculturalismo é um movimento que redefine os conceitos de culturas e nos faz perceber que não existe uma cultura superior à outra, pois vivemos em uma comunidade

diversificada com suas identidades e culturas específicas. Paulo Freire comunga do mesmo pensamento porque acredita que a multiculturalidade não está no poder de uma cultura sobre a outra, mas no respeito que deve existir entre as culturas diferentes.

A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exarcebado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo o risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada uma "parasi", somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo poderosismo de uma sobre as demais, proibidas de ser. (FREIRE, 1992, p.156)

Nessa concepção Paulo Freire vê a multiculturalidade como parte das políticas públicas de educação inclusiva, no entanto, com a perspectiva que na escola as multiculturalidades não estariam ligadas apenas as pessoas com deficiência.

Assim, percebemos que para Freire é necessário criar práticas educativas que estimulem a convivência de diferentes grupos em um mesmo ambiente.

É preciso reenfatar que a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética no respeito às diferenças. (FREIRE, 1992, p. 157)

Portanto, o multiculturalismo deve ser pensado durante o processo educacional como uma atividade de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem. E para isso, é preciso pensar na democratização do ensino e numa gestão escolar mais participativa.

3.EJA: SINÔNIMO DE INTEGRAÇÃO

Falar de educação é remete-se a ideia de integração do indivíduo com a sociedade. A educação é um processo natural que nos acompanha em todas as etapas da nossa vida, deste modo, não existe um modelo pronto para a educação, pois ela é dona de todos os saberes e acontece em todos os lugares. No entanto, a escola sempre foi símbolo entre o processo de ensinar e aprender, e as pessoas habituaram-se a atribuir a função de aprendizagem somente à escola e a seus agentes.

A educação torna-se responsável em abraçar duas realidades: a formação intelectual e social do ser humano. A formação humana está associada na construção e no desenvolvimento do homem do futuro, interligando o homem ao processo transmissão de saberes e informações. Sendo assim, a

educação está direcionada não somente na formação intelectual, mas na vivência social do ser humano.

Dessa maneira, o processo educacional direcionado aos jovens e adultos (EJA) que não tiveram condições de ingressarem nas instituições de ensino na faixa etária indicada, é motivo de estudos e reflexões por grande parte de pesquisadores. No entanto, essa temática quando estudada destaca muito mais suas mazelas do que suas virtudes e conquistas. Nota-se que a educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que é direcionada as pessoas que não frequentaram a escola, ou então que desistiram de participar do processo de escolarização.

É inegável que o grande colaborador para a implementação da educação de jovens e adultos aqui no Brasil foi Paulo Freire, ele tinha como objetivo combater o analfabetismo, e conseqüentemente diminuir o alto índice de pobreza principalmente nas regiões do nordeste brasileiro. A educação tinha que ser vista como uma ferramenta capaz de emancipar as pessoas:

Paulo Freire dizia que a educação não poderia ser vista apenas como ferramenta para a transmissão de conhecimentos e reprodução das relações de poder, mas sim como um ato político de libertação e emancipação das pessoas. Enxergava na relação pedagógica uma ação política. Pois compreender o saber como mera transmissão ou como criação e recriação humana; tratar o educando como sujeito ou objeto do processo, faz uma grande diferença na vida das pessoas (PEREIRA, 2006, p. 52).

Contudo, o que se percebe é que esse processo educativo para dar resultados positivos tem que caminhar de mãos dadas com os órgãos públicos e com as políticas públicas, pois tal como apresenta Vieira (2004) o EJA não obtém resultados positivos se caminhar isoladamente das demais esferas.

[...] A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental, independente da idade. Todavia, o direito à educação não se reduz à alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (VIEIRA, 2004, p. 85-86).

Assim, o desempenho positivo da educação de jovens e adultos só é possível quando existe uma interação entre o governo, a escola, os educadores e os alunos, e é esse processo interativo que proporciona rendimentos significativos na aprendizagem do alunado.

A educação de jovens e adultos no Brasil está associada ao método desenvolvido por Paulo Freire na década de 60 na cidade de Angicos no Rio Grande do Norte. O trabalho desenvolvido obteve resultados significantes, pois ocorreu uma mudança metodológica no processo de ensino-aprendizagem da EJA em todo o país.

Anteriormente acreditava-se que a alfabetização acontecia quando os alunos conseguiam juntar as sílabas para formar as palavras, esse método de ensino impossibilitava o desenvolvimento crítico dos alunos, pois a educação estava mais associada à memorização das sílabas do que a compreensão do que estava lendo ou escrevendo.

No processo educacional de jovens e adultos a realidade dos alunos e as experiências de vida devem ser levadas em consideração no processo de ensino-aprendizagem, como também, os educadores precisam organizar sua metodologia de ensino voltada e compatível com a realidade social em que os discentes estão inseridos. O processo de alfabetização segundo a proposta de Freire é que o professor e aluno possam caminhar juntos, onde o alfabetizando aprenda que os conteúdos explicados pelo professor podem ser atribuídos na sua vida além dos muros da escola.

4.OS ALUNOS DA EJA: QUEM SÃO ESSES SUJEITOS?

Os alunos da EJA são jovens e adultos que não tiveram oportunidade de frequentar a escola na faixa etária correta, em sua maioria são oriundos das periferias que começaram a trabalhar cedo e não lhes foi permitido o acesso à sala de aula. Sendo assim, muitos dos discentes dessa modalidade de ensino são pessoas que buscam recuperar o tempo perdido, além de possuir o desejo de aprender a ler e a escrever.

(...). São jovens que, por uma série de motivos, precisam abandonar a escola: vivem em periferias, favelas, vilas e bairros pobres, principalmente nas grandes cidades; são majoritariamente negros; circulam no espaço escolar um “incansável” número de vezes, com entradas, saídas e retornos, após o período estabelecido como próprio para vida escolar (de 7 a 14 anos). (ANDRADE, 2004. p.50).

Os jovens e adultos da EJA são portadores de grandes potencialidades de aprendizagens, essas merecem serem estimuladas e reconhecidas. Contudo, o desconhecimento dessas potencialidades faz com que os próprios professores submetam seus alunos a praticarem atividades voltadas para o público infantil, quando na verdade eles deveriam aprender junto com algumas situações do seu cotidiano.

O perfil dos alunos matriculados na Educação de Jovens e adultos são aqueles que tiveram dificuldade no processo de alfabetização. Porém, é evidente que os alunos da EJA trazem consigo uma bagagem de conhecimento, e esses devem ser aproveitados pelos professores na forma de proporcionar o interesse e a permanência desses educandos na sala de aula.

Em muitas escolas que utilizam desse sistema de ensino, as aulas acontecem no horário noturno e muitas vezes os alunos têm dificuldade de permanecer na escola devido ao cansaço das jornadas de trabalho, já que na sua maioria são jovens e adultos que trabalham diariamente, ou que são donas de casas e passam o dia acumulando tarefas que lhes provocam o cansaço físico e mental.

A maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos voltam a frequentar a escola para sentir-se útil e incluído na sociedade, esses almejam melhores condições de vida, crescimento profissional, outros buscam aprender a ler e a escrever para evitar constrangimento perante a sociedade letrada. Segundo Britto (2003, p.201) os alunos do EJA reingressam nas escolas pois sentem necessidade de ressocialização:

[...] um dos motivos que levam os trabalhadores adultos a ingressarem em programas de ampliação de escolaridade é a necessidade de ressocialização, [...] possibilidade de convivência saudável com outras pessoas de mesma condição e a realização de atividades proveitosas e gratificantes. [...] (BRITTO, 2003, p.201)

Contudo, apesar de todos esses anseios a evasão escolar na EJA ainda é muito grande, os educandos se sentem desmotivados e cansados devidos à rotina do dia-a-dia, por isso, é necessário que os professores sejam dinâmicos no processo de ensino-aprendizagem, que os conteúdos não fujam da realidade do público. Os alunos da EJA chegam à escola com medo de não alcançarem resultados positivos, e devido a exigências das instituições muitos acabam por interromper esse processo educacional antes do final do ano.

Essa evasão acontece também pela falta de tempo em que os educandos não podem se dedicar ao estudo devido os trabalhos e aos afazeres domésticos, esses motivos acabam aumentando o alto índice de desistência nessa modalidade de ensino.

Portanto, pode-se definir os alunos da EJA como aqueles que foram excluídos da escola no período regular, que geralmente tiveram de abandonar os estudos para ajudarem no sustento da família ou que quando crianças moravam em localidades que não davam acesso à escola. Dessa forma, esses motivos impossibilitaram a participação e dedicação no estudo.

5. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EJA

A formação docente se constitui em uma etapa primordial do processo educativo, porém é importante destacar que esta etapa deve ser analisada em conjunto com o modelo educativo e os recursos disponibilizados pela escola campo de trabalho deste professor, pois o que alimenta esta profissão é justamente a articulação entre a formação, profissão e os recursos metodológicos a partir dos quais esta prática se desenvolve no espaço escolar. Este por sua vez a cada dia sofre novas transformações e recebe um público de alunos de diferentes culturas, etnias, classes e realidades, o que acaba por exigir do professor uma formação que o prepare para lidar com as mais diversas situações que possam se desenvolver no ambiente escolar.

Neste sentido, Almeida (2005, p. 5) enfatiza que aos professores se faz necessária...

[...] uma formação que tenha a prática educativa e o ensinar como objeto de análise, que assegure os elementos que permitam aos professores compreender as relações entre a sociedade e os conhecimentos produzidos, e que os ajude a desenvolver a atitude de pesquisar como forma de aprender.

Isto mostra a complexidade que envolve o processo de formação docente, no qual o professor necessita buscar de forma contínua a atualização dos seus conhecimentos e de suas práticas em sala de aula, visando se adequar às constantes mudanças pelas quais sofre o ensino e na tentativa de atingir ao objetivo de formar cidadãos capazes de enfrentarem os desafios que surgem não apenas no âmbito escolar, mas também no âmbito social.

A visão que possuíamos da maneira como os professores deveriam alfabetizar e educar jovens e adultos já não é mais a mesma da década passada, acreditava-se que estar alfabetizado significaria esta apto a escrever e ler seu próprio nome. Observa-se que o processo de alfabetização ultrapassou esses limites, hoje o se que espera da EJA é uma educação de qualidade, que estimule os alunos a formularem suas opiniões tronando-os críticos. Segundo Paulo Freire os discentes não devem somente memorizar as sílabas, frases ou textos, mas conseguir articular seu pensamento sobre eles.

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem. (FREIRE, 2002, p.58)

Nesse sentido, é necessário que o educador da EJA esteja sempre em capacitação, que ele seja capaz de adaptar os conteúdos com a vivência dos seus alunos, estimulando-os a se tornarem independentes intelectualmente. O que se percebe é que a maioria das escolas e professores infantiliza esse processo de ensino, já que os conteúdos chegam a ser trabalhados de forma descontextualizada da realidade do alunado. Os professores da EJA devem estar em constante formação, pois a prática por si só não consegue compreender a complexidade do processo de ensino-aprendizagem dos jovens e adultos. De acordo com Carmelato o professor deve estar sempre aberto a novas propostas de ensino:

Trabalhar com jovens e adultos é estar aberto para conhecer seus educandos, é estabelecer junto a eles um projeto do que e como aprender. É saber que, apesar de estarmos apreendendo sempre, temos um papel diferenciado, somos orientadores do grupo, temos objetivos enquanto sujeitos educadores, objetivos que nos comprometeram na escolha de trabalho com EJA, assim, temos propostas que devem ser sempre abertas, propostas que são mais intenções a serem perseguidas. (CARMELATO, 2013, p. 2)

Assim sendo, trabalhar com a educação de jovens e adultos é fazer parte do mesmo grupo, é manter uma relação de diálogo para juntos escolherem as metodologias que melhor se encaixe na realidade do alunado. É necessário também que o professor participe do processo de educação continuada, que é fundamentada a partir da necessidade do seu público, é uma educação crítica, que busca explicações para os problemas que afetam suas vivências.

A legislação determina que exista a formação dos docentes da EJA e que essa formação aconteça de forma contínua. No entanto, alguns pesquisadores como Cruz (apud Machado, 2002, p.34) argumenta que os professores adquirem experiências a partir da prática diária na sala de aula, e da convivência com a turma. Contudo, Machado vai contra o pensamento de Cruz quando ele coloca que ao mesmo tempo que o convívio com a sala de aula pode favorecer a formação dos professores eles estão conseqüentemente se afastando da teoria, e que seu conhecimento pode ser repassado de forma fragmentada. Assim sendo, para Machado seria necessário “um processo de formação continuada que busque a articulação teoria/ prática” (MACHADO, 2002, p.34).

A EJA se torna um espaço de trocas de conhecimento entre professor e aluno, pois segundo Bernardino (2008, p. 05).

A EJA é um campo fecundo e promissor para a realização de práticas educativas pautadas nos elementos que estão postos nessa “arena” e que devem ser analisados como possibilidade de organização do currículo para essa realidade que se apresenta em relação à educação dos jovens, adultos e idosos.

Nesse contexto, essa modalidade da educação atua de forma positiva à medida que o conhecimento prévio é uma ferramenta para trazer informação para dentro da sala de aula, mas dentro dessa lógica o problema estará relacionado ao saber profissional, que deverá trabalhar o viés científico com a relação do saber que o aluno traz consigo a partir de sua vivência cotidiana. Este é um fator primordial para a modalidade da EJA pelo fato de que a base deste segmento é a experiência que os alunos das mais diversas faixas etárias trazem consigo e que não deve ser descartado pelo professor, afinal tal conhecimento da vivência cotidiana serve como a base para a aquisição de conhecimentos científicos na escola por parte dos alunos. Assim como Bernardino (2008, p. 04) enfatiza ao afirmar que

A atitude do professor deve ser de valorizar os conhecimentos e as formas de expressões que cada aluno traz de suas experiências de vida e dos grupos sociais e culturais a que estão inseridos, para que o sucesso no processo de socialização possa ser um grande aliado na garantia da permanência do jovem, do adulto e do idoso em sala de aula.

Além da necessidade de uma formação docente que capacite o professor para lidar com alunos com níveis de aprendizado e faixas etárias diferenciadas, outra questão importante a ser discutida com relação ao público alvo da EJA é que na maioria dos casos tais alunos já chegam desestimulados nas salas de aulas o que culmina para ampliar os índices de evasão e repetência desta modalidade de ensino.

Essas questões são complexas, porém não podem deixar de ser colocadas em discussão, pois são os fatores que muito contribuem para a desistência dos alunos de prosseguir com seus estudos. Para compreender tal problemática é necessário analisar suas causas, estas que estão relacionadas à falta de entrosamento entre a escola e os próprios alunos.

Portanto, a formação do professor da EJA deve acontecer de forma contínua, interligando a prática do cotidiano com as teorias, assim, a educação de jovens e adultos vai atingir seu ideal de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho compreendemos como a multiculturalidade está presente nas escolas e principalmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), visto que, analisamos a diversidade existente no âmbito escolar, no cotidiano e nas práticas desenvolvidas pelos discentes no processo de ensino aprendizagem.

A multiculturalidade é um tema de bastante destaque na nossa realidade, que engloba a diversidade presente na sociedade através dos modos, costumes, religião, tradições, etnias, crenças e valores. Destarte, o multiculturalismo está presente de em todos os âmbitos sociais, e não podendo ficar de fora a escola, e a sala de aula. Visto que, é no campo escolar que as várias culturas se encontram e se compartilham. Assim, a escola é um espaço múltiplo e heterogêneo.

A educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se em uma modalidade de ensino que, assim como a educação brasileira vem sofrendo modificações ao longo do tempo, tendo em vista, as inúmeras políticas públicas desenvolvidas com o objetivo de promover a inserção da parcela da sociedade que ainda não concluiu o ensino fundamental e médio, e ao mesmo tempo inserir essas pessoas no mercado de trabalho.

Com essa pesquisa, percebemos que é necessário considerar as diversidades existentes na sala de aula, respeitando os conhecimentos previamente adquiridos pelos alunos, incentivando na busca constante do conhecimento, e tornando a sala de aula um ambiente agradável e estimulante, pois, os alunos que frequentam essa modalidade de ensino são pessoas que na sua maioria enfrentam diariamente uma jornada de trabalho de 8 horas, e busca a escola para crescer profissionalmente ou tão somente para sentir-se útil.

Portanto, essa pesquisa se constitui como uma possibilidade de compreensão acerca da temática. A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino direcionada as pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar a escola na faixa etária indicada, ou que desistiram de participar do processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel de. **Formação contínua de professores**. Ministério da Educação. Formação Contínua de professores. In: Boletim 13, Agosto de 2005.
- ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane. (Orgs). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.
- BERNARDINO, Adair José. **Exigências na Formação dos Professores de EJA**. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL: PESQUISA EM EDUCAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL, 22 a 25 de Junho de 2008, Itajaí – SC. Anais... Itajaí – SC: Univali, 22 a 25 de Junho de 2008.
- BRANDIM, Maria Rejane Lima; SILVA, Maria José Albuquerque da. **Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural**. Revista Diversa, Ano I, nº 1, pp. 51-66 jan./jun. 2008.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: Cultura escrita, educação e participação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CARMELATO, Denise Maria. **Formação de Professores em EJA**. 1º Ed. NIEPE-EJA – UFRGS, 2001. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/niepeeja/pefjat/formacao_professores_eja.pdf> Acesso em: 09 de abril de 2013

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Maria Margarida. **O professor**. In.; HADDAD, Sergio (coord.) Educação de jovens e adultos no Brasil (1986 – 1998). Brasília: MEC/ Inep, 2002.

PEREIRA, d.f.f. Revisitar **Paulo Freire: Uma Possibilidade de Reencarnar a Educação**. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.